

maioria de que dispunham na Junta: eram órgãos dessa corrente o *Semanário Cívico* e a *Idade de Ouro do Brasil*. Foi a primeira campanha eleitoral travada pela imprensa, em nosso país. “A tal violência chegou a disputa e tão arbitrárias se revelaram as autoridades empenhadas na reeleição — conta Rizzini — que o *Diário Constitucional* teve de suspender a sua circulação, a 15 de dezembro”(27). Os brasileiros ganharam as eleições, apesar de tudo: um dos primeiros atos da nova Junta foi a extinção da comissão de censura. Voltou, então, a circular o *Diário Constitucional* que, a 10 de maio de 1822, reduzia o título para *O Constitucional* porque deixava de ser diário.

Contra ele, tudo fez a prepotência dominante, acobertada pela tropa metropolitana do general Madeira. Não satisfeita em combatê-lo pelos seus órgãos áulicos tradicionais, os dois citados, fomentou o aparecimento de numerosos periódicos de vida circunstancial: *A Sentinela Baiense*, do mesmo Silva Maia, que circulou de 21 de junho a 7 de outubro; *O Analisador Constitucional*, de Manuel José da Cruz, que circulou de julho de 1821 a fevereiro de 1822; *O Baluarte Constitucional*, de Antônio Tomás de Negreiros, que circulou de julho a dezembro; *O Espreitor Constitucional*, de Francisco das Chagas de Jesus, que circulou de agosto de 1821 a junho de 1822, *O Despertador dos Verdadeiros Constitucionais*, com meia dúzia de números que circularam em setembro de 1821; *A Abelha*, que circulou de dezembro de 1821 a maio de 1822.

Em agosto deste último ano, o da Independência, não podendo vencer pelos argumentos, a prepotência utilizou o seu método normal, suprimindo violentamente o órgão nativista, por assalto militar de que deu notícia *O Espelho*, do Rio de Janeiro, com a seguinte nota: “*O Constitucional* era o único periódico que se atrevia a lançar em rosto àqueles tiranos sua arbitrariedade, sua injustiça, sua barbaridade. E que fizeram eles? Assanharam primeiro uma matilha de escritores venais, sem nome, sem luzes, tirados mesmo das filas, surgiram *Sentinelas*, *Analisadores* e tantos outros papéis, que fazem a vergonha da literatura, para escoltarem a *Idade de Ferro* e o *Semanário*. Mas isto ainda não aterrou o patriotismo dos redatores do *Constitucional*. Suscitam-se embaraços na tipografia, reduz-se a um terço o número de folhas, multiplicam-se as despesas. Assim mesmo continua aquele sisudo periódico. Assaltam-se muitas vezes as casas dos redatores, por toda parte se fazem ameaças; desamparam seus lares, mas sustentam a causa da pátria. É preciso lançar mão de procedimento mais iníquo, perseguindo, não já os escritores escudados pela lei, mas o mesmo impressor e os inocentes vendedores”.

(27) Carlos Rizzini: op. cit., pág. 412.